UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA EM MONTENEGRO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS: LICENCIATURA

MAYRA CORRÊA MARQUES

NOTAS DE FREQUENTAÇÃO: COTIDIANO, BUROCRACIA E ESGOTAMENTO

MONTENEGRO
2018

MAYRA CORRÊA MARQUES

NOTAS DE FREQUENTAÇÃO: COTIDIANO, BUROCRACIA E ESGOTAMENTO

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Artes Visuais.

Orientadora: Prof.ª Dra. Carmen Lúcia Capra

MONTENEGRO

2018

Catalogação de publicação na fonte (CIP)

M357n Marques, Mayra Corrêa

Notas de frequentação: cotidiano, burocracia e esgotamento / Mayra Corrêa Marques – Montenegro, 2018.

56 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Curso de Licenciatura em Artes Visuais, Unidade em Montenegro, 2018.

Orientadora: Prof.ª. Dr.ª Carmen Lúcia Capra

1. Burocracia. 2. Cotidiano. 3. Esgotamento. 4. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). I. Capra, Carmen Lúcia. II. Curso de Licenciatura em Artes Visuais, Unidade em Montenegro, 2018. III. Título.

Catalogação elaborada pelo Bibliotecário Uergs - Marcelo Bresolin CRB10/2136

MAYRA CORRÊA MARQUES

NOTAS DE FREQUENTAÇÃO: cotidiano, burocracia e esgotamento

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Artes Visuais na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.ª Dra. Carmen Lúcia Capra

Aprovada em: / /

BANCA EXAMINADORA

_____
Orientadora: Prof.ª Dra. Carmen Lúcia Capra
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS

_____
Prof. Dr. Cristian Poletti Mossi
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

_____
Prof.ª Dra. Mariana Silva da Silva
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS

Dedico a todos e todas que estiveram comigo ao longo desses quatro anos de vida, especialmente meus familiares, amigos, meu namorado e meus gatos.

Também dedico à arte, à educação e à democracia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à professora Carmen Lúcia Capra, orientadora deste TCC, pela troca que tivemos durante o segundo semestre de 2018. Tenho muito orgulho de ter sido sua orientanda e de termos compartilhado momentos de escuta, diálogo e boas risadas. Obrigada, saiba que seu jeitinho de ser docente é inspirador e faz eu me apaixonar cada vez mais pela educação. Agradeço ao professor Cristian Poletti Mossi e à professora Mariana Silva da Silva, pelas contribuições incríveis que vocês fizeram na banca. Obrigada por serem tão fofos, críticos e cheios de referências.

Agradeço ao professor Igor Moraes Simões e suas aulas maravilhosas, que provocaram muitos questionamentos que reverberaram neste trabalho. À amiga e professora Mariane Rotter, pelos ensinamentos, pela parceria e por compartilhar comigo o amor por gatos. À querida professora Juzelia de Moraes e todos os outros docentes e funcionários que tive contato ao longo da graduação, especialmente o professor do curso de música Eduardo Pacheco, que tem sido um grande amigo e incentivador. Enfim, meus sinceros agradecimentos à UERGS pelo ensino público de qualidade e à CAPES e à PROENS pelas bolsas que tive ao longo do curso, pois, além de terem contribuído muito para a minha formação, foram de suma importância para garantir a minha permanência na universidade. Também agradeço a toda a equipe da Fundação Municipal de Artes de Montenegro (FUNDARTE), instituição que me acolheu durante dois anos como estagiária.

Agradeço a minha família, meu namorado, meus amigos, meus sogros e meus gatos, por sempre estarem ao meu lado, me dando força, incentivo e carinho. Queria citar o nome de cada um de vocês, mas está quase acabando a página de agradecimentos, então vou destinar as últimas linhas aos meus pais Rosa e João e ao meu mano João Vitor, os seres humanos mais lindos, fortes, sensacionais e cheios de amor que eu tive a honra de conhecer nessa vida. Mamis, Papis e mano, obrigada por terem apoiado a minha decisão de cursar Artes Visuais e por acreditarem e confiarem em mim. Sem o apoio de vocês e a possibilidade de ingressar em uma universidade através do SISU, eu não seria uma das únicas pessoas da nossa família a ter um curso superior. Eu amo vocês com todo o meu coração.

“Cada coisa ordinária é um elemento de estima.” Manoel de Barros

RESUMO

A pesquisa teve como objetivo pensar sobre as possíveis relações entre cotidiano, burocracia e esgotamento por meio de referências e experiências artísticas que mobilizam, de alguma forma, esses conceitos. A ideia inicial era criar uma burocracia inútil através de atas de situações ordinárias, procedimento chamado de *atificação*. Porém, ao longo do tempo, o trabalho foi se modificando, o que possibilitou um novo entendimento sobre o fazer artístico em processo. Assim, o foco da pesquisa voltou-se para as *Notas de Frequentação*, prática na qual criaram-se notas de microacontecimentos cotidianos. Como aporte teórico, foram utilizados Maurice Blanchot (2007) e Michel de Certeau (2014), que investigam algumas definições, implicações e origens do cotidiano; Nuccio Ordine (2016), que pensa sobre a utilidade dos saberes inúteis na contemporaneidade; Georges Perec (2016), Raymond Queneau (1995) e Nathalie Quintane (2004), autores que exploram o cotidiano de diferentes formas através da escrita; os artistas Fernand Deligny, Keith Arnatt, Wolney Fernandes e Rivane Neuenschwander, que produzem práticas artísticas a partir da vida comum; Franz Kafka (2014), o artista Jan Banning e o filme *Eu, Daniel Blake* (2016), que abordam a presença e os excessos da burocracia; Fabiana Campos Baptista (2015), que fala sobre o “esgotamento da linguagem” conceituado por Gilles Deleuze e, por fim, Vilém Flusser (2010), que reflete sobre a dissolução da materialidade nos nossos tempos. Dessa forma, operou-se com três conceitos que são, por si só, cheios de estigmas negativos, mas que ganharam novas camadas de sentido com as *Notas de Frequentação*.

PALAVRAS-CHAVE: Notas. Frequentação. Cotidiano. Burocracia. Esgotamento.

ABSTRACT

The objective of this study was to think about the possible relations between daily life, bureaucracy and exhaustion through references and artistic experiences that somehow mobilize these concepts. The initial idea was to create a useless bureaucracy through minutes of ordinary situations, a procedure called *minutation*. However, over time the work was modified, which made possible a new understanding of the artistic work in process. Thereby, the focus of the study turned to the *Frequency Notes*, a practice in which notes of everyday micro-events were created. As a theoretical contribution, Maurice Blanchot (2007) and Michel de Certeau (2014) were used, who investigate some definitions, implications and origins of everyday life; Nuccio Ordine (2016), who thinks about the usefulness of useless knowledge in contemporaneity; Georges Perec (2016), Raymond Queneau (1995) and Nathalie Quintane (2004), authors who explore the daily life in different ways through writing; the artists Fernand Deligny, Keith Arnatt, Wolney Fernandes and Rivane Neuenschwander, who produce artistic practices from the common life; Franz Kafka (2014), the artist Jan Banning and the film *I, Daniel Blake* (2016), that address the presence and the excesses of the bureaucracy; Fabiana Campos Baptista (2015), who talks about the "exhaustion of language" conceptualized by Gilles Deleuze and, finally, Vilém Flusser (2010), which reflects on the dissolution of materiality in our times. In this way, the study operated with three concepts that are, by themselves, full of negative stigmas, but which have gained new layers of meaning with the *Frequency Notes*.

KEYWORDS: Notes. Frequency. Daily life. Bureaucracy. Exhaustion.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Desenho Fernand Deligny. Arquivos Jacques Allaire e Marie-Dominique Guibal 15
Figura 2 – Trabalho de Desenho III: o frentista e o garçom, 44x33cm ..... **Erro! Indicador não definido.**
Figura 3 – Trabalho de Desenho III: meus gatos em casa, 120x80cm ..... **Erro! Indicador não definido.**
Figura 4 – Wolney Fernandes. Coleção de instantes, 2014. ..... **Erro! Indicador não definido.**
Figura 5 – Keith Arnatt, Notes from Jo. 1991-95 ..... **Erro! Indicador não definido.**
Figura 6 – Keith Arnatt. Notes from Jo. 1991-95 ..... **Erro! Indicador não definido.**
Figura 7 – Rivane Neuenschwander. A Colheita, 2013. ..... **Erro! Indicador não definido.**
Figura 8 – Rivane Neuenschwander. A Colheita, 2013. ..... **Erro! Indicador não definido.**
Figura 9 – Jan Banning. Burocráticos (França), 2006. ..... **Erro! Indicador não definido.**
Figura 10 – Jan Banning. Burocráticos (Índia), 2003. ..... **Erro! Indicador não definido.**
Figura 11 – Kafka. A metamorfose, 2016 ..... **Erro! Indicador não definido.**
Figura 12 – Eu, Daniel Blake, 2016. ..... **Erro! Indicador não definido.**
Figura 13 – Local de observação (Parede de vidro refletindo o interior da galeria de arte) ..... **Erro! Indicador não definido.**
Figuras 14 e 15 – Notas de frequentação carimbadas com a palavra “conferido”. ..... **Erro! Indicador não definido.**
Figura 16 – Notas de Frequentação. Impressão sobre papel poliéster, dimensões variadas. 48
Figura 17 – Notas de Frequentação. Impressão sobre papel poliéster, dimensões variadas. 49

SUMÁRIO

1 PARA COMEÇAR, A TRAMA COTIDIANO, BUROCRACIA E ESGOTAMENTO 10

2 PARA QUE/QUEM COTIDIANO? 14

3 PARA QUE/QUEM BUROCRACIA? 29

3.1 ATIFICAÇÃO 33

4 ESGOTAMENTO 40

5 NOTAS DE FREQUENTAÇÃO 44

6 NADA MAIS HAVENDO A SER TRATADO 50

REFERÊNCIAS 52

1 PARA COMEÇAR, A TRAMA COTIDIANO, BUROCRACIA E ESGOTAMENTO

No dia vinte e cinco de junho do ano de mil novecentos e noventa e seis, às doze horas e vinte minutos, eu estava nascendo em um hospital localizado na cidade de Porto Alegre – RS. Antes disso, enquanto o útero materno ainda era meu lar, uma série de papeladas dava início à jornada burocrática que nós conhecemos como vida: os contratos do plano de saúde, requisições da ginecologista durante o pré-natal, ecografias, exames de sangue e da curva glicêmica e a baixa no hospital para minha mãe entrar no centro cirúrgico. Eu ainda me alimentava por um cordão umbilical e meus pais já haviam assinado, no mínimo, cem papéis relacionados ao meu quase nascimento. Nasci, assinaram a declaração de nascido vivo (DNV) na maternidade e, após quarenta e oito horas no mundo, já dei minha primeira assinatura quando furaram meu calcanhar para fazer o teste do pezinho e carimbaram meu pé em um papel. Com a declaração de nascido vivo, fizeram a certidão de nascimento, o primeiro documento oficial de um cidadão. Depois disso, ganhei a carteira de vacinação e só acumulei mais documentos, RG, título de eleitor, carteira de trabalho, termos de responsabilidade e compromisso, requisições, autorizações, contratos, autenticações, papéis e mais papéis, contas, identidade, carnês, extratos, boletins, históricos, atestados e uma infinidade de “etc.” que eu nem saberia nomear. Se eu falecer em um hospital, lá mesmo eles vão emitir a declaração de óbito para a pessoa que estiver cuidando do meu falecimento levar em uma agência de Serviço Funerário, mas não vou optar pela cremação para não dar mais trabalho ainda a essa pessoa, pois a cremação implica a destruição do material genético, que poderia ser necessário posteriormente para atender a uma suposta demanda jurídica. No entanto, eu ainda não morri e, sim, caro(a) leitor(a), a presente escrita trata-se da introdução do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Artes Visuais.

Antes de continuar, é importante que você saiba que o meu TCC se intitula “Notas de frequentação: cotidiano, burocracia e esgotamento”. Vou lhes contar através de uma escrita fluida e generosa os motivos pelos quais passei a me interessar pelo cotidiano e pela burocracia, as referências que me acompanharam ao longo da pesquisa e como o trabalho foi se modificando à

medida que adquiriu novas camadas de sentido ao longo do processo.

Como o cotidiano é um conceito importante nesta pesquisa, antes de mais nada, é importante enfatizar qual noção estará em funcionamento. Numa primeira aproximação, cotidiano é definido como algo comum, banal e ordinário que acontece diariamente, mas é importante diferenciar cotidiano de ordinário, pois eles não são equivalentes. No livro “A conversa infinita 2: a experiência limite”, Maurice Blanchot (2007) nos lembra que o cotidiano é inapreensível e não é passível de ser localizado em uma polaridade, como a do extraordinário ou do ordinário, por exemplo:

> Movimento contra o qual não há nada a dizer, a não ser que perde o cotidiano, pois o ordinário de cada dia não o é por contraste com algum extraordinário; não é o “momento nulo” que esperaria o “momento maravilhoso” para que este lhe dê um sentido ou o suprima ou o suspenda. O próprio do cotidiano é designar-nos uma região, ou um nível de fala, em que a determinação do verdadeiro e do falso, como a oposição do sim e do não, não se aplica, estando sempre aquém daquilo que o afirma e não obstante reconstituindo-se sem cessar para além de tudo aquilo que o nega (BLANCHOT, 2007, p. 240-241).

Para Blanchot, o cotidiano não é extraordinário e também não é ordinário, pois assim que notamos algo no cotidiano é como se esse “algo” deixasse de ser cotidiano. Para autor, o cotidiano é humano e contraria a objetivação. Assim, a noção que estarei operando nas páginas seguintes não é passível de uma única definição, pois o cotidiano nos escapa. E tudo bem se escapa, pois saiba que neste trabalho lidaremos com algumas incertezas e inutilidades.

Se você já estiver cansado(a) de ler, recomendo que dê uma pausa, pegue um café e retorne dentro de alguns minutos, pois será uma satisfação para mim que você dê seguimento a essa leitura. Obrigada pela preferência, se você ainda estiver aí, porque, nas próximas páginas, eu vou explicar melhor a trama de relações entre cotidiano, burocracia e esgotamento.

A introdução narra uma jornada burocrática do nascimento ao óbito. No entanto, nesta pesquisa, utilizei a burocracia para

falar da vida comum, do cotidiano. O cotidiano que foi burocratizado é sem holofotes, sem *likes* e compartilhamentos. Instantes que se diluem na correria e imediatismos do dia a dia e que passam despercebidos. Um cotidiano cru, um cotidiano que não quer provar nada para ninguém e que não precisa de nenhuma validação para ser o que é. Um cotidiano que não está impregnado de imagens eloquentes, em uma sinfonia de discursos e opiniões. Um cotidiano que não vira #*hashtag*, que é despretensioso, insignificante e não se deixa apanhar. Segundo Blanchot (2007):

> Quaisquer que sejam os seus aspectos, o cotidiano tem esse traço essencial: não se deixa apanhar. Ele escapa. Ele pertence à insignificância, e o insignificante é sem verdade, sem realidade, sem segredo, mas é talvez também o lugar de toda significação possível. O cotidiano escapa. É nisso que ele é estranho, o familiar que se descobre (mas já se dissipa) sob a espécie do extraordinário. É o desapercebido, em primeiro lugar no sentido de que o olhar sempre o ultrapassou e não pode tampouco introduzi-lo num conjunto ou fazer-lhe a "revista", isto é, fechá-lo numa visão panorâmica; pois, por um outro traço, o cotidiano é aquilo que não vemos nunca uma primeira vez, mas que só podemos rever, tendo sempre já o visto por uma ilusão que é precisamente constitutiva do cotidiano (BLANCHOT, 2007, p. 237).

Como foi dito no primeiro parágrafo, a jornada burocrática antecede até o nosso nascimento, mas, nesta pesquisa, a burocracia esteve a serviço da vida cotidiana e não de grandes ritos ou investimentos financeiros. Ao invés disso, a burocracia foi utilizada como protocolo da ação poética, sendo, assim, uma burocracia inútil, sem finalidade ou objetivos específicos. Nesse sentido, Nuccio Ordine (2016, p.12) diz que a utilidade dos saberes inúteis se contrapõe à utilidade dominante dos interesses exclusivamente econômicos e acrescenta que precisamos do inútil como precisamos das funções vitais essenciais para sobreviver. Por isso, reitero que este trabalho é da ordem das inutilidades e incertezas.

No capítulo 2, relembrarei trabalhos feitos durante a graduação e alguns autores e artistas que me ajudaram a pensar sobre o cotidiano, como Michel de Certeau, Georges Perec, Wolney Fernandes e Keith Arnatt. Após, no capítulo 3, farei o mesmo com a burocracia, citando algumas referências artísticas, fílmicas e literárias que foram importantes para eu ver, na temática da

burocracia, potencial para desenvolver uma prática artística, como Franz Kafka e o filme *Eu, Daniel Blake*. Em minha primeira prática artística, utilizei a criação de atas, um procedimento bem burocrático muito presente na minha vida, para desenvolver uma ação que chamei de "*atificação*". A *atificação* consistiu na criação de atas de situações cotidianas, como a ata de uma senhora cochilando enquanto esperava a sua neta sair da aula de ballet. Essa fase do trabalho foi uma tentativa de criar uma burocracia inútil, mas como mantive o formato de atas de reuniões e o protocolo de escrever uma ata por dia em um tradicional caderno de atas, a burocracia impôs-se a mim de tal forma, que quase me consumiu. Poderia mudar o tema do TCC, porém resolvi enfrentar a burocracia ao tentar estabelecer novas relações com ela. Assim, passei a ver potencial nas pequenas notas que eu vinha escrevendo em um aplicativo do celular que seriam, inicialmente, apenas rascunhos para a posterior criação das atas. Chamei essas pequenas notas sobre o cotidiano, escritas enquanto eu presenciava os momentos, de "Notas de frequentação". Ocorreu um esgotamento da própria burocracia, suspendendo-a das suas utilidades na vida comum, atribuindo-lhe novos usos e sentidos. A forma como operei com o conceito de "esgotamento" neste trabalho será melhor desenvolvido no capítulo 4 e, nos capítulos 5 e 6, finalizo o TCC contando-lhes mais sobre as Notas de Frequentação e suas reverberações.

Portanto, senhor(a) leitor(a), bem-vindo(a) a uma experiência textual e artística de esgotamento da burocracia.

2 PARA QUE/QUEM COTIDIANO?

Nesse capítulo, colocarei em diálogo uma profusão de referências que não poderiam ser apresentadas em capítulos distintos devido às suas afinidades e estreitas relações. Assim, começaremos a pensar juntos(as) a partir da seguinte pergunta: Quando e por que a noção de cotidiano começou a me interessar?

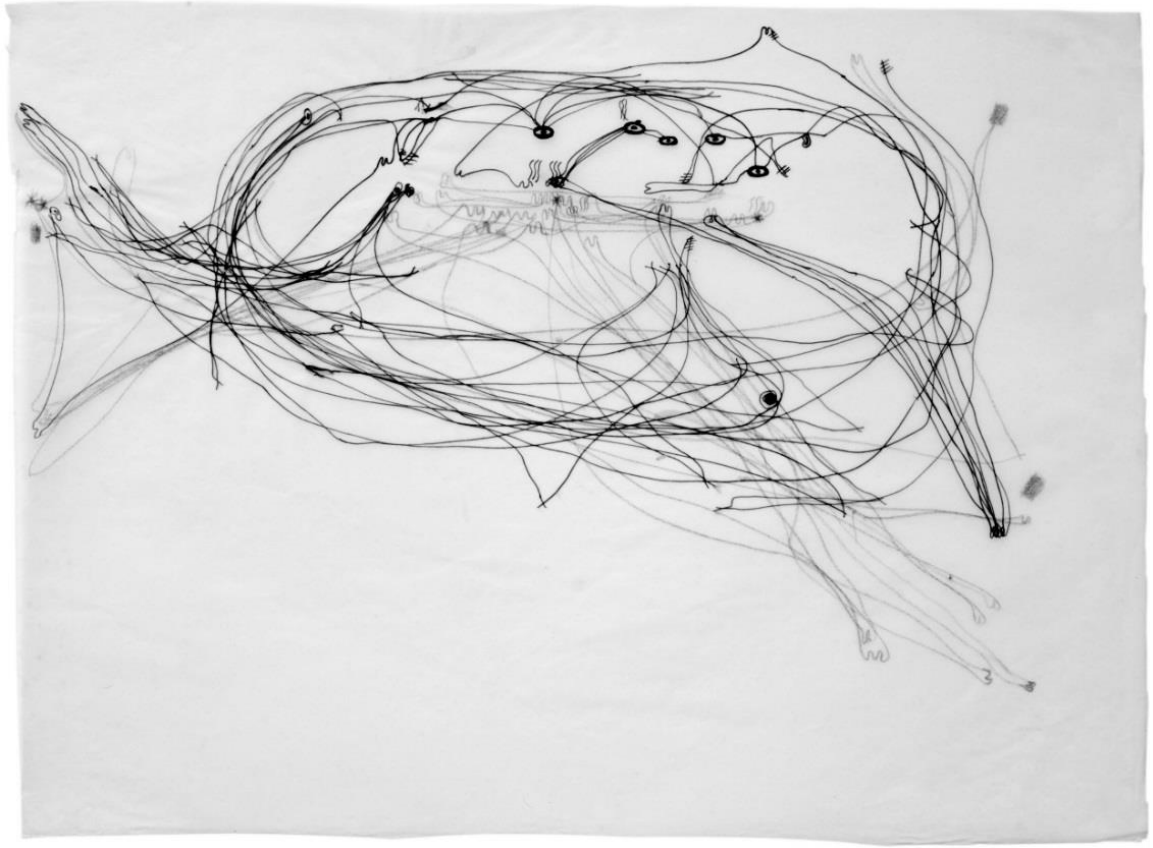
Antes de entrar na graduação, eu achava que a produção artística se restringia à representação da realidade através do desenho ou da pintura, mas algumas disciplinas foram bem importantes para que eu expandisse o entendimento acerca disso. Na disciplina de Desenho III, por exemplo, cursada no segundo semestre de 2017, uma das proposições foi que tivéssemos uma experiência em desenho baseada no método de Fernand Deligny (1913-1996), um pedagogo francês que produziu fotos, desenhos, mapas e linhas de errância, registrando a perambulação de crianças autistas em uma comunidade no interior da França. Sobre seu método, pode-se dizer que:

> Questionava a centralidade da linguagem, a educação formal e o emprego caricatural das teorias freudianas. Repudiava qualquer tipo de encarceramento, preferindo a criação de circunstâncias e de espaços para trocas e encontros. Para dar voz àqueles que são carentes de linguagem e comunicação verbal, Deligny inventou um sistema de transcrição que considerava uma de suas principais contribuições, espécie de cartografia sobre papel na qual registrava os percursos “espontâneos” da criança autista, seus hábitos, gestos e percepções, livres de qualquer desejo de representação. É desse fora da linguagem cotidiana, numa espécie de linguagem do infinitivo, sem sujeito, que o autor francês rompeu com os paradigmas de sua época e criou uma antropologia alternativa, política, a qual inventou incessantemente formas inéditas de viver junto (EDITORA n-1, Doc. Eletrônico).

A produção de Deligny provocou-me a pensar sobre o quanto qualquer ação que desacostume minimamente a vida comum, seja ela do campo da arte ou não, pode ser válida para inventarmos e reinventarmos diferentes formas de lidar com a nossa breve

existência. O trabalho de Deligny pode desestabilizar as fronteiras entre arte e vida, pois, em sua produção, a arte se dissolve na vida e a vida se dissolve na arte. Após lermos e conversarmos sobre, saí da universidade com um bloco de folhas A3 e uma caneta, disposta a observar e transpor para o papel as movimentações do cotidiano alheio.

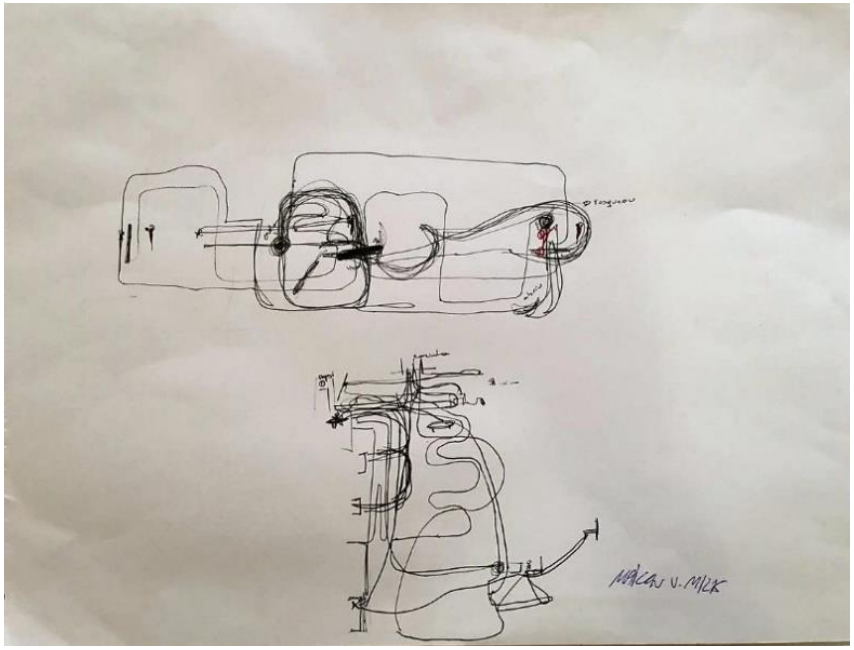
Figura 1 - Desenho Fernand Deligny. Arquivos Jacques Allaire e Marie-Dominique Guibal.



Fonte: https://lareviewofbooks.org/article/mapping-the-wander-lines-the-quiet-revelations-of-fernand-deligny/

Observei um frentista no posto de gasolina, um garçom na lanchonete e os meus gatos em casa e me senti profundamente tocada pela prática. A atitude de se dispor a estar presente no presente, sendo uma espécie de *voyeur* e espectador do cotidiano alheio me encantou muito. Diferentemente de Deligny, que criava cartografias de movimentos espontâneos de pessoas que não tinham desejo de representação, nas minhas experiências os “observados” interviram no trabalho. O garçom percebeu que estava sendo observado, começou a fazer movimentos diferentes para variar as linhas do meu desenho e, no final, quis assinar seu nome embaixo. Os meus gatos também foram condicionados pela minha observação e acabaram deitando por cima do papel.

Figura 2 – Trabalho de Desenho III: o frentista e o garçom, 44x33cm.



Fonte: Acervo pessoal (2017)

Figura 3 – Trabalho de Desenho III: meus gatos em casa, 120x80cm.

Fonte: Acervo pessoal (2017)

Tais experiências produzem sem capitalizar e sem dominar o tempo (CERTEAU, 2014, p.47), em um mundo onde o tempo virou investimento. Além disso, esses trabalhos não estão a serviço do extraordinário, mas de sutilezas, banalidades e microacontecimentos cotidianos. Pela primeira vez em toda a graduação, produzi algo que desestabilizou tanto as ideias de autoria quanto de objetualidade artística. Afinal de contas, pouco importa quem é o autor e as qualidades formais do objeto, já que a ideia e o processo são muito mais potentes do que o resultado estético do produto final. Após esses trabalhos desenvolvidos na disciplina de Desenho III, meu olhar passou a estar cada vez mais atento ao cotidiano e, devido a esse fato, ele tornou-se parte essencial da presente pesquisa.

Não sei se você sabe, querido(a) leitor(a), mas o cotidiano é uma invenção. Para explicar isso, precisaremos falar da burguesia, uma camada social que ascendeu na Europa no século XVI. Essa classe urbana constituída por banqueiros, comerciantes, artesãos, artistas e intelectuais não tinha como se distinguir por pertencer a uma família nobre. Dessa forma, a distinção se dava pelos seus “bons gostos”, o que implica o surgimento do que hoje conhecemos como cultura erudita. Sabe aquela pessoa que se considera mais importante e inteligente por ouvir Mozart, ler Nietzsche e “saber” apreciar uma pintura de Monet? Então, o que acontecia com a burguesia era uma tentativa de se sobressair em relação aos demais através de um suposto “bom gosto” (CERTEAU, 2014).

Essa distinção através do estudo de saberes eloquentes, acabou reverberando no surgimento das disciplinas e de uma forma de se relacionar com o mundo cada vez mais racionalizada e científica. Para escapar desse sistema criado por ela mesma, a burguesia inventou a noção de cotidiano. No livro *A invenção do cotidiano 1: Artes de fazer*, Michel de Certeau (2014) analisa

isso a partir de *O Homem sem qualidades*[1], romance que anunciaria a erosão[2] e a derrisão[3] do singular ou do extraordinário:

> Esta erosão e derrisão do singular ou do extraordinário já vinha anunciada em *O homem sem qualidades*: "Talvez seja precisamente o pequeno-burguês a pressentir a aurora de um novo heroísmo, enorme e coletivo, a exemplo das formigas". Na verdade, a chegada dessa sociedade de formigas começou com as massas, as primeiras a serem submetidas ao enquadramento das racionalidades niveladoras. O fluxo subiu. A seguir, atingiu os quadros possuidores ao aparelho, quadros técnicos absorvidos no sistema que geravam; invadiu enfim as profissões liberais que se acreditavam protegidas contra ele, e as "belas almas" literárias e artísticas. [...] Assim, na aurora da modernidade, no século XVI, o homem ordinário aparece com as insígnias de uma desventura geral que ele transmuda em derrisão. [...] No entanto, mesmo neste teatro humanista, ele ainda ri. E nisto é sábio e louco ao mesmo tempo, lúcido e ridículo, no destino que se impõe a todos e reduz a nada a isenção que cada um almeja (CERTEAU, 2014, p. 57-58).

Ao utilizar Certeau, contextualizo o surgimento da noção de cotidiano, um dos conceitos mais importantes deste trabalho. Essa leitura, juntamente com as concepções apresentadas por Maurice Blanchot provocam reflexões sobre o quanto vivemos sem pensar sobre a origem e os possíveis significados de diversos termos que utilizamos diariamente. Diante dos sistemas claustrofóbicos criados pela própria humanidade para controlar o mundo e viver em sociedade, como a organização do conhecimento em disciplinas em uma tentativa constante de objetivação e racionalização de tudo que nos cerca, pensar e criar a partir de práticas cotidianas parece ser um respiro em meio à voracidade dos dias. Nesse sentido, as produções dos autores Georges Perec, Raymond Queneau e Nathalie Quintane dialogam muito com a pesquisa.

No livro *Tentativa de esgotamento de um local parisiense*, o filósofo francês Georges Perec instala-se por três dias seguidos na praça Saint-Sulpice, em Paris, dedicando-se a anotar tudo o que ocorria em diversos momentos do dia. A escrita dele assume

---

[1] *O homem sem qualidades* é um romance inacabado publicado entre 1930 e 1943. É considerado como uma das principais obras do modernismo e um dos mais importantes da literatura alemã do século XX.

[2] Processo ou resultado de desgastar(-se) lentamente; corrosão.

[3] Riso de desprezo ou zombaria; Ato ou fala com a intenção de provocar risos ou gozações em relação a alguém; escárnio, irrisão, mofa.

diversos formatos, sem atender a uma regra pré-definida, mas sempre inicia por informações sobre a data, a hora e o local e, às vezes, a previsão do tempo. Perec faz uma espécie de decupagem[4] cinematográfica ao listar microacontecimentos cotidianos. No prefácio do livro, Ricardo Luiz Silva (2016) diz que:

> Condenamos nosso ato de ver ao puro condicionamento mercadológico e espetacular. Vemos o mundo com olhos objetivos, mecanizados, procuramos e decodificamos apenas o funcional e utilitário. [...] Lança-se no vazio, minusculariza a realidade, dá valor ao ordinário e ao inútil. Para o autor, o nada é infinitamente rico que nada pode esgotá-lo, nem mesmo sua ação indiciária narrada no texto. [...] Uma atitude que nos solicita "enxergar" a Cidade. Um ato consciente. Ato que deveria ser realizado à exaustão. Forçar o corpo ao seu limite, o lugar ao seu limite. Estressar o sistema. Conduzir o conjunto a um estado crítico, até a fragilização da aparente estabilidade funcional e organizacional que envolve o lugar. Inutilizá-lo, revelar seu verdadeiro estado. Colocá-lo cru e totalmente disponível à leitura, sem máscaras, empecilhos, representações espetaculares, imagens pré-estabelecidas. Enxergá-lo na sua essência, vulgaridade, realidade, possibilidade. Retirar tudo, até não sobrar nada. Esgotar o lugar (SILVA, 2016, p. 1-9).

A tentativa de esgotamento a que Perec se refere não é da ordem do cansaço e da fadiga, pois não se trata de esgotar todas as possibilidades de um acontecimento qualquer em realizar-se, mas de explorar todas as possibilidades do possível. Perec é uma preciosidade e de suma importância para pensar o meu fazer poético, pois o escritor oferece novas formas de olhar, de narrar, descrever, contemplar, inventariar e estar presente no presente. O autor traz à tona uma possibilidade de estar na cidade enquanto não se faz nada ao explorar diversas camadas de inutilidade, como na página vinte, onde lista todos os modos de locomoção, as maneiras de carregar e as posições do corpo visíveis naquele momento. A partir do trabalho de Perec, penso que os trabalhos realizados na disciplina de Desenho III, que citei no início desse capítulo, poderiam ser considerados tentativas de desdobrar, fender e desacostumar(nos) do mundo comum.

---

[4] Divisão de um roteiro em cenas, sequências e planos numerados, para facilitar a gravação.

Assim como Perec, Raymond Queneau parte de uma história aparentemente sem graça e neutra sobre dois sujeitos conversando em um ônibus parisiense e acrescenta que viu um deles depois em outra parte da cidade recebendo de um amigo conselhos sobre alterações necessárias no seu sobretudo. Queneau cria uma série de 99 variações, ou *Exercícios de Estilo*, elaborando escritas sobre essa mesma situação de diferentes formas, tais como: anotação, metáfora, em forma de sonho, em forma de relato, de forma precisa e até gastronômica:

> ANOTAÇÃO
>
> No ônibus S, em hora de aperto. Um cara de uns 26 anos, chapéu mole com cordão em vez de fita, pescoço comprido demais, como se tivesse sido esticado. Sobe e desce gente. O cara discute com o vizinho. Acha que é espremido quando passam.
>
> Tom choramingas, jeito de pirraça. Mal vê um lugar vago, corre para se aboletar.
>
> Duas horas depois, vejo o mesmo cara pelo Paço de Roma, defronte à estação São Lázaro. Lá vai com outro que diz: “Você devia pôr mais um botão no sobretudo”. Mostra onde (no decote) e como (para fechar).
>
> (QUENEAU, 1995, p.19)

> SONHO
>
> Tudo era bruma nacarada, sombras múltiplas onde avultava um jovem, vejo nitidamente seu rosto escarapitado num conspícuo pescoção, que salientava seu caráter mais para covarde que cabrão. No lugar da fita do chapéu, um fio trançado. Pôs-se a discutir com um indivíduo indistinto; depois, como que amedrontado, sumiu num corredor escuro.
>
> Em outra parte do sonho, está andando sob o sol a prumo defronte à estação São Lázaro, com um companheiro que lhe diz: "Você devia botar outro botão no sobretudo".
>
> Aí eu acordei.
>
> (QUENEAU, 1995, p.25)

Assim como Perec, Queneau propõe outro exemplo de um esgotamento como potência criadora e não como fadiga. Ao narrar a mesma situação de noventa e nove formas, Queneau faz com que a mesma história ganhe diferentes camadas de significação. Além disso, produz distintas formas de se relacionar com a escrita, já que o autor joga com o caráter visual das estruturas dos textos. Ao colocar todas essas formas de narrar sobre a mesa sem hierarquizá-las, o autor parece renunciar a uma preferência formal, oferecendo diversas possibilidades e subvertendo algumas convenções de organização da escrita. No meu trabalho também ocorre essa subversão, pois nas *Notas de frequentação* os parágrafos e as pontuações são praticamente inexistentes, além de eu cometer erros gramaticais propositalmente. Outra autora que explora o caráter experimental da escrita é a escritora francesa contemporânea Nathalie Quintane.

Começo (2004), obra de Nathalie Quintane, constitui-se de experimentações poéticas que autobiografam sua vida da gestação da mãe até a vida adulta. Através de uma escrita que chega a ser escatológica, Quintane constrói sua autobiografia por uma sucessão de formas:

> Pequenos excertos descritivos, formulados em até cinco linhas; poemas curtos de alta carga lírica e versos livres; diminutos contos de ares surrealistas. À multiplicidade de gêneros corresponde uma variedade de tipografias na página, com letras de fonte e tamanho diversos, diferentes espaçamentos entrelinhas, impressão ora no centro, ora no topo, ora no pé da folha. Quase aos moldes de um diário, as ideias, imagens e estruturas gráficas alternam-se ao correr livre da mão, que transpõe para a espacialidade da página a busca estética e ética de toda autobiografia (BERTGES; PEREIRA, 2018, p.149).

A autora parece vomitar palavras, dando um tom à escrita muito semelhante ao que utilizo no primeiro capítulo desse TCC, onde divago sobre uma jornada burocrática do nascimento ao óbito. A escrita escrupulosa de Nathalie mostra-se escatológica pelas suas descrições explícitas e viscerais, como na página 20, em que ela descreve a sensação da bile:

Aprendemos mais tarde a distinguir-nos por pedaços: dor no cólon, dor no intestino, dor no fígado; a bile toma rapidamente uma importante dimensão através do bilioso, o amarelo, e tudo o que se relaciona com isso: se cuspimos amarelo depois, não é mais como antes. Entretanto isso não perde jamais completamente seu caráter surpreendente.

Reconhecemos nossa bile, desta vez intacta e dentro da sua bolsa, pendurada ao órgão, num coelho – não é bile de coelho ou a bile do coelho, é a bile. Despinicado e virado pelo avesso, com a pele escorregando pela cabeça, depois aberto, ela sai.

Além de autores como Perec, Queneau e Quintane, os artistas Wolney Fernandes, Keith Arnatt e Rivane Neuenschwander também foram consultados para pensar sobre a materialidade e os aspectos conceituais do meu trabalho. Assim como Perec, o artista goiano Wolney Fernandes também coleciona imagens, instantes e gestos na sua proposição artística intitulada *Coleção de Instantes*.

Figura 4 – Wolney Fernandes. Coleção de instantes, 2014.

Fonte: http://colecaodeinstantes.blogspot.com/

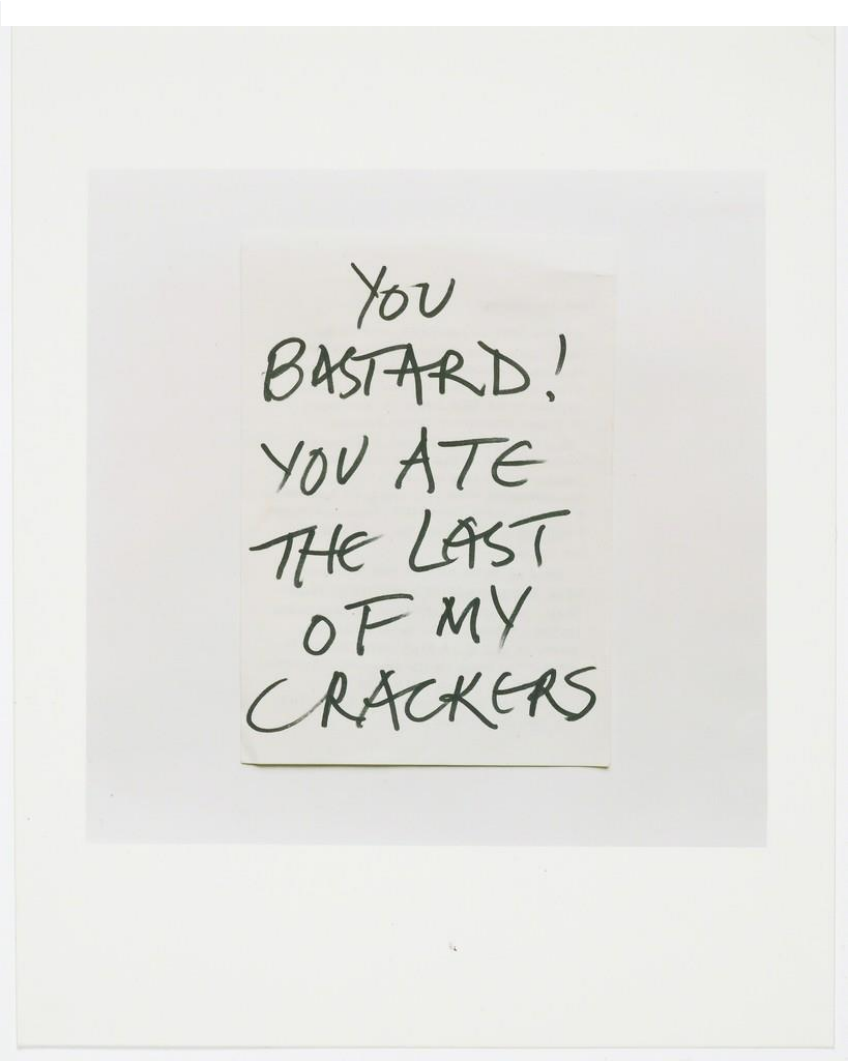
A coleção de Wolney assemelha-se muito ao meu trabalho, pois as *Notas de frequentação* são excertos de situações cotidianas, que ao serem transformadas em notas ficam disponíveis à geração de novos sentidos, o que revela certo anacronismo[5]. No entanto, o artista opta por uma escrita ordenada e narrativa que utiliza pontuação e aspas para identificar diálogos e não possui erros gramaticais, além de cada texto ser fechado em um parágrafo, aspectos que se diferem muito do formato das minhas notas.

Outra criação que parte do cotidiano é a do artista conceitual britânico Keith Arnatt. Em sua série *Notes from Jo* (1991-95), o artista exibe anotações e lembretes escritos por sua esposa, Jo, no início dos anos 90. Um tempo depois, ela foi atingida por um tumor no cérebro e Arnatt cuidou dela até sua morte em 1996. Ele coletou algumas dessas notas e fotografou 18 delas, criando essa série. Quando conheci a série de fotografias *Notes from Jo*, na disciplina de Poéticas do Processo em Arte, fiquei encantada inicialmente pela aparente simplicidade, mas grande sensibilidade desse trabalho de Arnatt. Uma obra conceitual como essa precisa ser pensada para além da sua materialidade, pois não pode ser avaliada apenas a partir de critérios formalistas estéticos.

O artista expõe a intimidade do casal, mas não através de fotografias de momentos importantes que eles viveram juntos, como o casamento ou a primeira viagem. Ao invés disso, Arnatt opera com uma memória ordinária. A série de fotografias parece um memorial da vida a dois, constituído através de pedaços de notas escritos no dia a dia, algo aparentemente banal e descartável que, provavelmente, não tinham a menor pretensão de ser arte. Assim como a obra de Arnatt, também chamo meus trabalhos de “notas”, mas uma das diferenças é que ele se apropria de notas escritas pela sua esposa, enquanto eu crio notas sobre pessoas e circunstâncias com quem não possuo vínculos sociais.

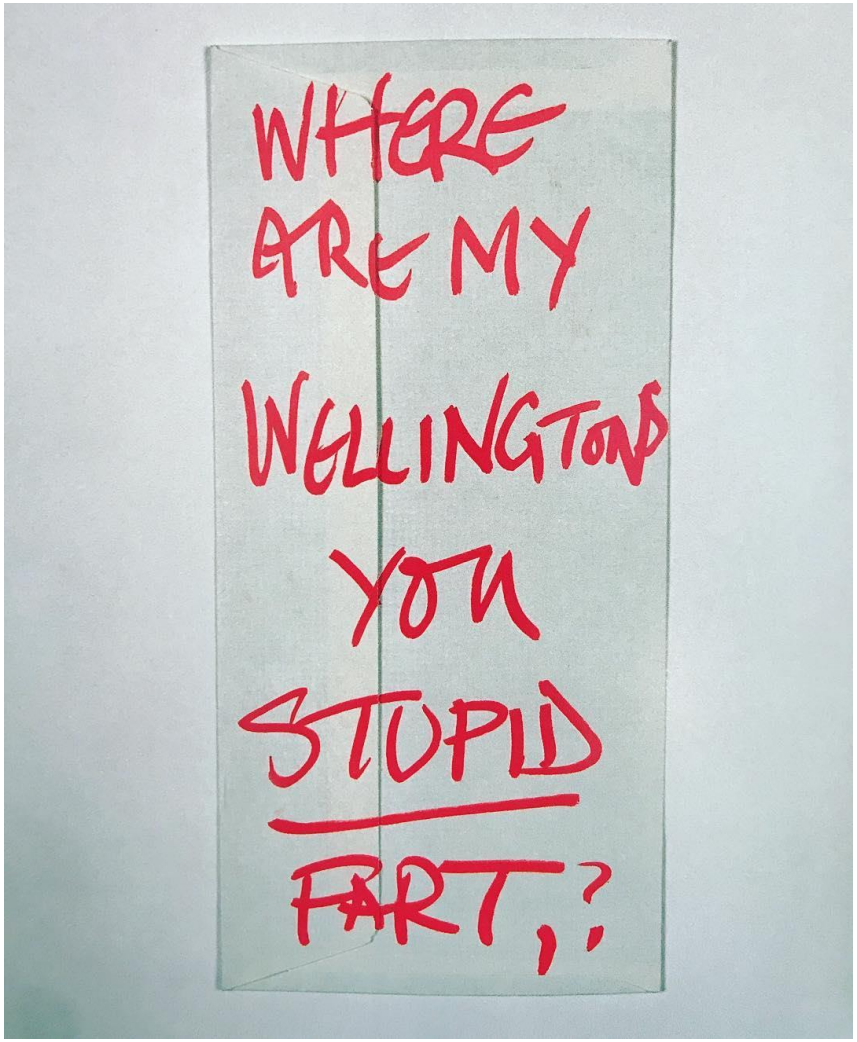
[5] O anacronismo é caracterizado pelo desalinhamento e falta de correspondência entre as particularidades das diferentes épocas, quando fatores próprios de cada tempo são, erroneamente, misturados em uma mesma narrativa.

Figura 5 – Keith Arnatt. Notes from Jo, 1991-95.



Fonte: http://www.keitharnatt.com/

Figura 6 – Keith Arnatt. Notes from Jo, 1991-95.



Fonte: http://www.keitharnatt.com/

Além de Keith Arnatt, a artista brasileira Rivane Neuenschwander também desenvolve algumas das suas obras a partir do cotidiano. Em sua proposição artística de 2013 intitulada *A colheita*, a artista recolhe diariamente listas de compras de desconhecidos que foram deixadas em supermercados localizados na região de Angel, em um bairro de Londres chamado Islington. Ao dispor todas as listas lado a lado, percebemos traços de individualidade, como os diferentes formatos e tipos de papéis utilizados para escrever, as diferentes caligrafias, escolhas de produtos e a organização dos itens.

Assim como as *Notas de frequentação*, o trabalho de Rivane nos oferece um relicário ordinário sobre a vida diária de pessoas desconhecidas. A palavra “colheita”, utilizada pela artista para dar nome ao trabalho, remete ao ato de colher produtos agrícolas cultivados para fins lucrativos ou de subsistência, então pode se referir tanto à colheita diária, semanal ou mensal dos compradores no supermercado, quanto à colheita de listas feita pela própria artista. À primeira vista, a obra pode parecer simples, mas pode colocar em pauta uma série de questões muito pertinentes ao tema desta pesquisa, como a resistência das papelarias, embora os papéis estejam sendo substituídos por listas no telefone celular. Outra semelhança com as *Notas de frequentação* é que *A colheita* pode nos fazer divagar sobre as possíveis aproximações entre o nosso cotidiano e o cotidiano alheio, mesmo que as listas tenham sido recolhidas em Londres.

Figura 7 – Rivane Neuenschwander. A Colheita, 2013.

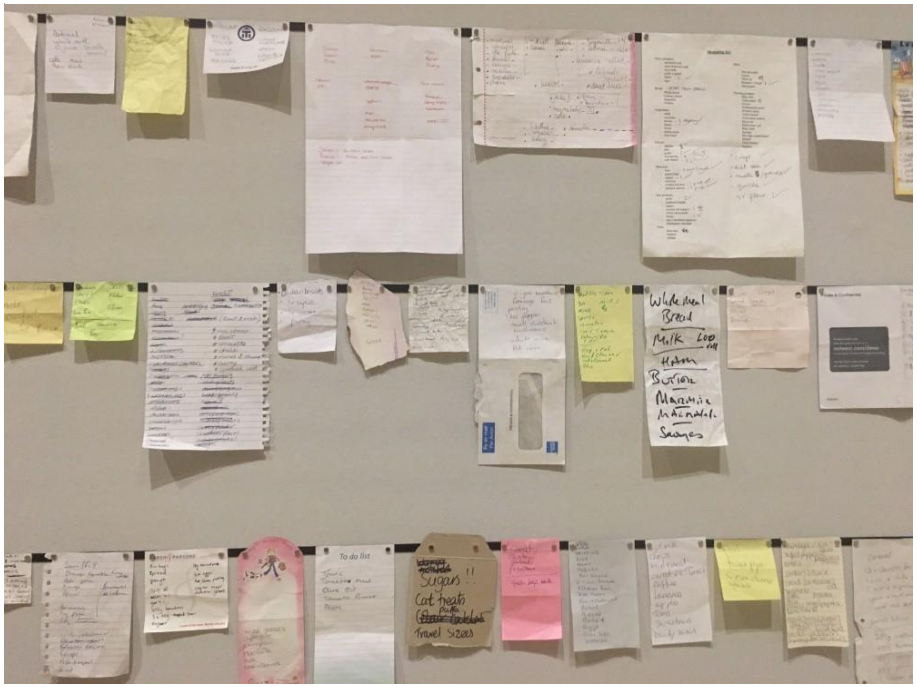
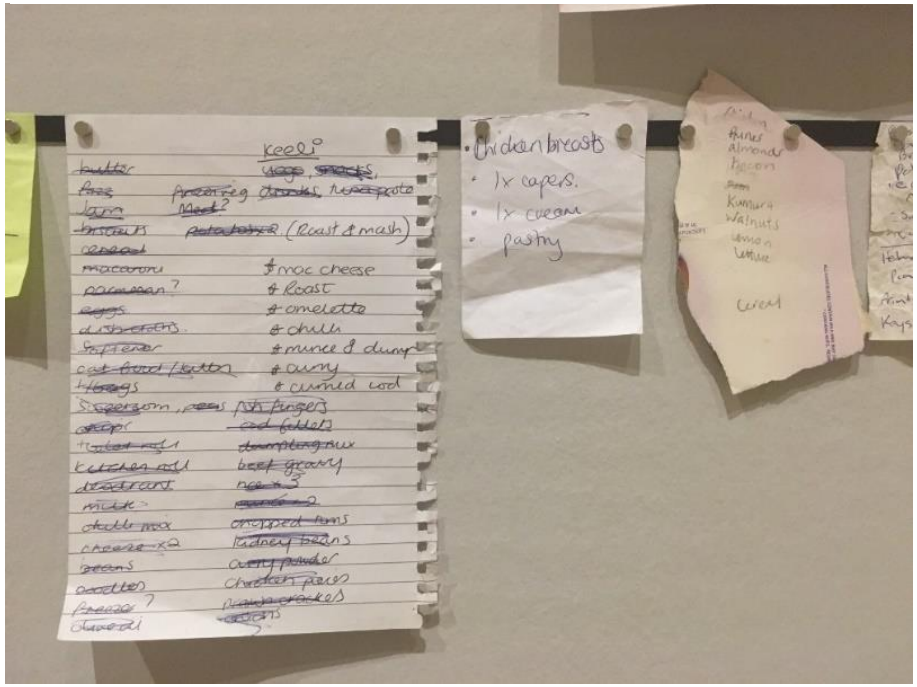


Figura 8 – Rivane Neuenschwander. A Colheita, 2013.



Fonte: https://medium.com/@freyacollie/colheita-harvest-rivane-neuenschwander-9590b8d5fc47

3 PARA QUE/QUEM BUROCRACIA?

No capítulo dois, contei-lhe por que e como o cotidiano começou a me interessar e agora farei o mesmo com a ideia de burocracia, afinal de contas, por que alguém escolheria, em sã consciência, pensar sobre a burocracia sem ser obrigado(a) a tal?

Apenas durante a graduação passei a lidar, de fato, com a burocracia e a ter noção dos seus efeitos, quando tive que fazer uma primeira ata de reunião e contratar serviços no meu nome pela primeira vez na vida. Achei a formalidade, a linguagem e todo o aparato burocrático assustadoramente encantadores e cômicos. A burocracia é assustadora pela sua rigidez, pela despersonalização das relações humanas e pela falta de subjetividade, mas também é encantadora, por ser uma forma de registrar, regularizar, guardar e organizar coisas. E esse caráter ambíguo é cômico, porque nós odiamos a burocracia e não vivemos sem ela.

Em síntese, a burocracia é uma estrutura de organização com procedimentos e regras regularizados e seu conceito é oriundo das palavras "*bureau*", do francês e "*krátos*", do grego. A "bura" / "*bureau*" era um pano simples e grosseiro utilizado pelos antigos escrivães para forrar as mesas de trabalho e "cracia" / "*krátos*" significa poder, governo, autoridade. Essa origem etimológica[6] remete à condição da burocracia na contemporaneidade, em que nos deparamos com os excessos de formalismos e papeladas, com o conformismo com rotinas, dificuldades no atendimento, tensões, conflitos interpessoais, etc.

Podemos pensar sobre as implicações e excessos da burocracia em diferentes países a partir da série de fotografias *Burocráticos*, do fotógrafo holandês Jan Banning:

[6] Disponível em: <https://www.gramatica.net.br/origem-das-palavras/etimologia-de-burocracia/>.

Figura 9 – Jan Banning. Burocráticos (França), 2006.

Figura 10 – Jan Banning. Burocráticos (Índia), 2003.

Fonte: http://www.janbanning.com/

As fotografias de Jan Banning foram disparadores importantes nesta pesquisa, porque fizeram parte das minhas primeiras reflexões acerca do caráter ambíguo da burocracia. Ao olhar essas imagens, captadas em diferentes países, percebo como a

burocracia é universal, apesar das diferenças na estrutura do ambiente e na forma como a burocracia se dá a ver. Chamou-me atenção que várias pessoas têm em comum um olhar vazio e melancólico que fita o espectador (ou nós), como se fôssemos parte daquela cena, como se fôssemos cúmplices. Talvez, sejamos cúmplices na relação de amor e ódio pela burocracia, que muitas vezes provoca exaustão e melancolia.

O olhar vazio das pessoas fotografadas por Jan Banning remete à atmosfera melancólica da história e escrita de Franz Kafka no livro *A metamorfose* (1915). A obra conta a história de Gregor, um caixeiro viajante infeliz com a profissão que se transforma em um inseto gigante. Logo percebemos que o protagonista provê o sustento da família, pois após a sua transformação o livro constitui-se, basicamente, pela angústia da família, que não demonstra sensibilidade pela sua condição, mas pelos problemas financeiros que a sua metamorfose desencadeou. A produtividade de Gregor transformava-o na salvação da família, mas enquanto inseto ele tornou-se inútil e repulsivo. O protagonista parece habituar-se à nova forma, apesar da tristeza, fadiga, dor e constante dificuldade de locomoção. Podemos pensar no tom grotesco, trágico e cruel do livro como retrato da existência humana, marcada pela impotência frente a um mundo que, segundo Ordine (2016, p. 25) “despreza tudo que não é funcional à lógica utilitarista do mercado”. Assim que o protagonista se tornou improdutivo, passou a ser tratado como descartável, mas apesar de ser o único animal da obra de Kafka, Gregor é o personagem mais humano que nos é apresentado.

Assim com a obra de Kafka, a existência melancólica em um mundo materialista também é abordada no filme *Eu, Daniel Blake* (2016), dirigido por Ken Loach e escrito por Paul Laverty. A trama se passa na Inglaterra e conta a história de Daniel Blake, um senhor de idade que é impedido de trabalhar após sofrer um ataque cardíaco. Para garantir o seu sustento, o protagonista precisa conseguir um auxílio saúde, mas a burocracia é tanta que ele passa o filme inteiro enfrentando situações de humilhação e desumanização e, mesmo assim, não consegue o apoio do Estado.

Figura 11 – Kafka. A metamorfose, 2016.

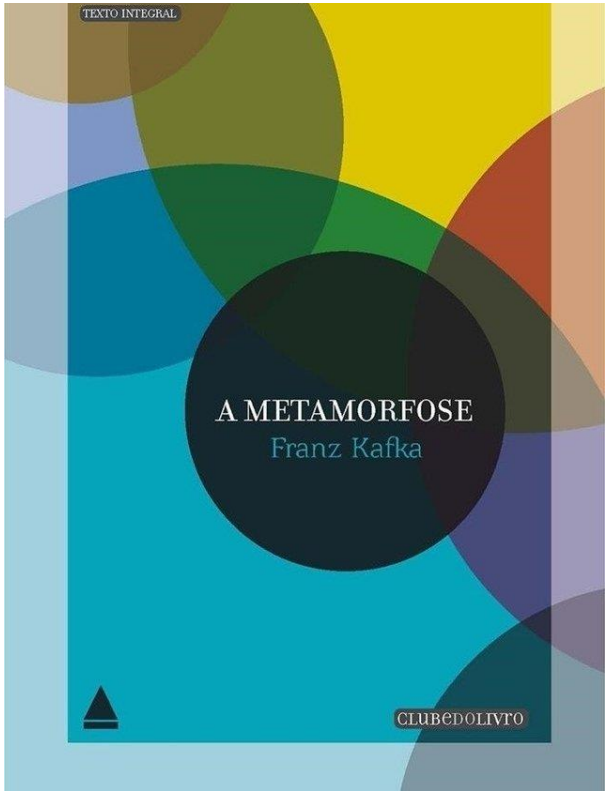
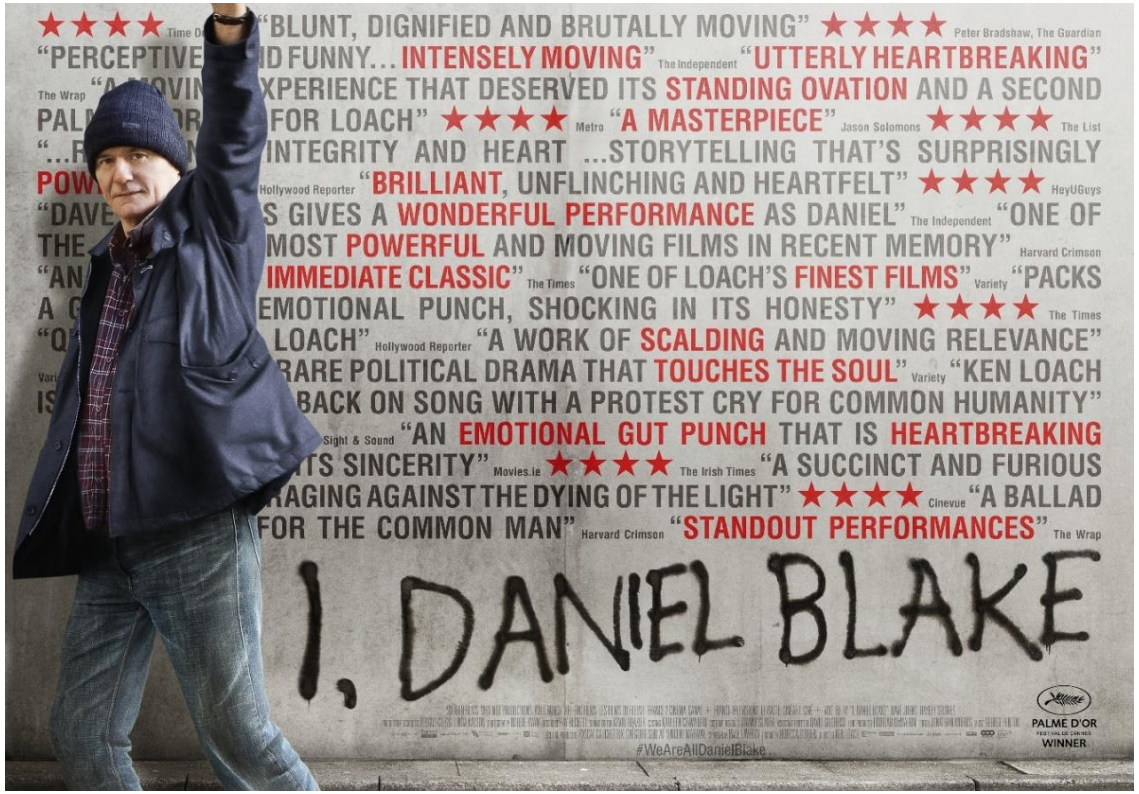


Figura 12 – Eu, Daniel Blake, 2016.



Fonte figura 11: https://www.minadelivros.com.br/livraria/educacao-filosofia-historia-literatura-politica/literatura/franz-kafka-a-metamorfose-clube-do-livro-capa-dura/

Fonte figura 12: http://www.artconnect.com/events/ken-loach-i-daniel-blake-english-version-outdoor-screening

Conheci algumas dessas referências ao longo dos anos de graduação, e elas instigaram-me a possibilidade de usar a burocracia de uma forma diferente daquela que estamos acostumados a lidar, subvertendo seus usos e funções. Assim, a primeira ação realizada para subvertê-la foi a criação de atas de situações cotidianas através de um procedimento chamado *atificação*, que será melhor desenvolvido na próxima seção.

3.1 ATIFICAÇÃO

No dicionário, ata é o registro escrito no qual se indicam as resoluções tomadas por um conselho deliberativo e os assuntos tratados em uma reunião, assembleia, convenção, etc. A *atificação*, por sua vez, é um conceito inventado nesta pesquisa e trata-se da ação de relatar acontecimentos ordinários através de uma ata, sendo, assim, uma tentativa de esgotar a burocratização. Ou seja, renunciar às utilidades e convenções da burocracia, utilizando-a apenas como protocolo da ação poética.

Um acontecimento histórico relevante para pensarmos sobre a *atificação* foi a resposta de Oscar Niemeyer, quando interrogado pelo governo militar em 1964, conforme consta no site *Nossa Política*: Perguntaram como ele havia ganho tanto dinheiro, e Niemeyer respondeu “Dando o cu”, mas na versão datilografada, o escrivão anotou: “[…] quando perguntado como havia auferido tantos resultados financeiros, o inquirido afirmou que praticando a pederastia passiva”. Niemeyer se recusou a assinar a ata do interrogatório. “Eu não disse isso. Disse dando o cu”. Tal momento histórico é importante para pensar o quanto as atas enfeitam os acontecimentos ao descrevê-los e o estranhamento que elas causam quando retratam uma situação com maior verossimilhança, sem utilizar uma linguagem formal e burocrática. A *atificação* também pretende causar estranhamento, pois subverte os usos de um documento utilizado para formalizar determinados eventos que precisam de um documento comprobatório ao utilizá-lo para relatar microacontecimentos ordinários.

Durante o primeiro mês desenvolvendo o TCC, foi proposto pela professora orientadora que eu elaborasse uma escrita, relacionando o trabalho com alguma outra profissão. Dessa forma, criei uma ata relacionando a *atificação* com o jornalismo:

Às treze horas, no dia dezessete do mês de agosto do ano de dois mil e dezoito, na minha casa, localizada em Montenegro – RS, reúno-me com o notebook, com o objetivo de pensar em uma profissão que tenha alguma relação com o trabalho de conclusão de curso. Nesta pesquisa, serão criadas atas de situações cotidianas e, com as experimentações realizadas até o presente momento, percebe-se que o ato de "atificar" envolve um olhar atento, muita paciência e, principalmente, impor-se uma ordem, um protocolo baseado em uma forma de escrita padronizada, exaustiva e burocrática. Após avaliar a relação da "atificação" com diversas profissões, conclui-se que a mais semelhante é o jornalismo. Assim como o jornalista, ao fazer a transposição de um momento para a linguagem escrita, o "atificador" organiza os dados e faz uma edição dos mesmos, na qual classifica, prioriza determinadas coisas, hierarquiza outras, inclui, exclui e adapta. Além disso, assim como alguns jornalistas, o "atificador" busca ser neutro e falha miseravelmente, porque, ao editar um momento, acaba omitindo alguns acontecimentos e priorizando outros, revelando, assim, sua parcialidade. Outra semelhança é a utilização de uma linguagem que seja atrativa para o leitor, pois enquanto o jornalista busca investigar, redigir e transmitir notícias para atingir o maior público possível, o "atificador" pretende produzir comicidade ao utilizar uma linguagem formal para descrever o ordinário. Nada mais havendo a ser tratado, eu, Mayra Corrêa Marques, dou por encerrada essa ata, que não será assinada por ninguém, porque não precisa.

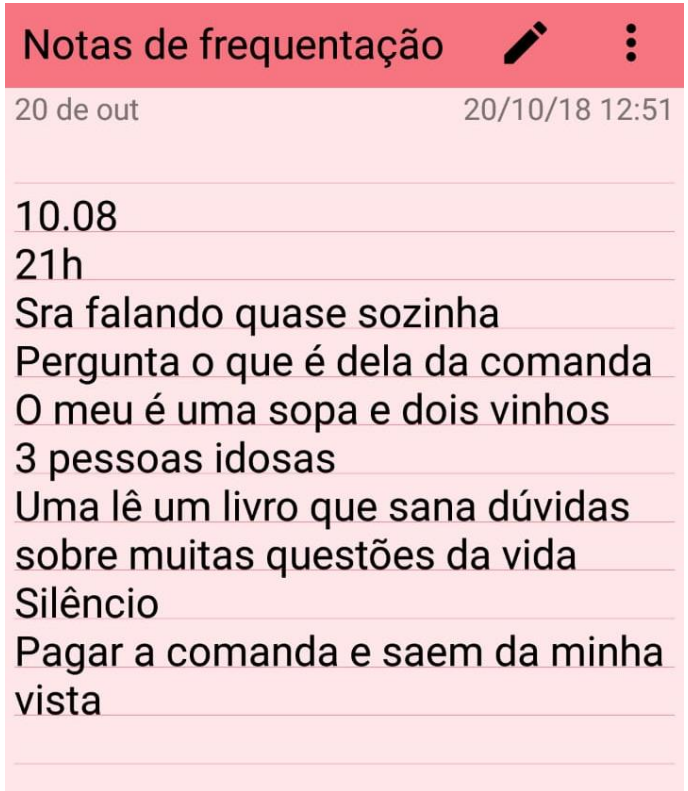
No início da pesquisa, criei um protocolo prevendo a criação de uma ata por dia a partir do mês de agosto. O segundo semestre começou e, após sair da minha primeira orientação de TCC, passei na papelaria e comprei um caderno de atas e uma almofada para carimbos, porque, naquele momento, pareceu uma boa ideia adquirir esses instrumentos, já que me propus a lidar com a burocracia. Passei a limpo para o caderno as atas que fiz no semestre anterior e comecei a andar com o caderno alguns

dias da semana, com o objetivo de criar as atas enquanto estivesse presenciando situações cotidianas. Enquanto isso, criei um documento no bloco de notas do telefone celular, em um aplicativo chamado *ColorNote,* para fazer pequenas anotações sobre o dia a dia, que me dessem subsídios para transformar esses momentos em atas posteriormente.

Em agosto de 2018 completei dois anos de estágio na Fundação Municipal de Artes de Montenegro, onde atuei como mediadora da Galeria de Artes Loide Schwambach. Eu era responsável por atender as pessoas que quisessem mediação, então passava muito tempo sentada em uma cadeira dentro da galeria de arte, como se estivesse constantemente exposta em uma vitrine, já que as paredes da galeria são de vidro. No mês em que fiquei sentada à disposição do público, criei as primeiras atas para o TCC, sendo a primeira sobre uma pessoa em situação de espera, já que o local onde eu estava sentada tinha vista para a recepção, a entrada do elevador, um corredor de passagem e umas cadeiras, onde familiares esperavam os alunos da Fundarte saírem da aula. Na próxima página, segue as anotações feitas no *ColorNote* e a ata criada a partir dessas informações:

13.08
10h46
Senhora sozinha em silêncio esperando sua neta sair da aula com um barulho de piano de alguma aula ao fundo
Fecha os olhos de tempos em tempos, cochilando
E qualquer ruído a faz abrir os olhos novamente
Olha fixamente para um ponto
De vez em quando olha para cima
Sapato preto com um pequeno salto bate no chão sutilmente, impaciente
Fica de olhos fechados e dorme
Cabeça cai sobre o pescoço
Acorda quando alguém passa e logo volta a cochilar
O vento frio da porta também a acorda
Da um sorriso tímido e simpático para quem atravessa seu caminho
Mãos nos bolsos
Pés cruzados
Coça a orelha
Segura as suas próprias mãos
Conversa com alguém rapidamente
Cochila

Às dez horas do dia treze do mês de agosto do ano de dois mil e dezoito, em uma Fundação de Artes, uma Senhora estava sentada sozinha na recepção esperando sua neta sair da aula. A Senhora começou a fechar os olhos lentamente para cochilar ao som do piano da aula de música que ocorria em alguma sala próxima. Em seguida, acordou com o movimento das pessoas passando, olhou fixamente para frente e desviou seu olhar para cima, como se fitasse algo muito importante no teto, mas logo cochilou. Acordou com o barulho de pessoas passando no corredor e bateu um pouco seu sapato preto de salto curto no chão, em um gesto impaciente. Adormeceu novamente, sua cabeça caiu sobre o pescoço, mas dessa vez foi acordada pelo vento frio vindo de uma porta que esqueceram aberta. Após dar um sorriso tímido e simpático para pessoas que passaram, colocou as mãos nos bolsos, cruzou os pés, coçou a orelha, conversou rapidamente com alguém e, finalmente, conseguiu cochilar por mais de um minuto. Nada mais havendo a ser tratado, a presente redatora dessa ata dá por encerrado o momento, que não será assinado por ninguém porque não quero ser eu a responsável por acordar a senhora novamente.


Notas de frequentação

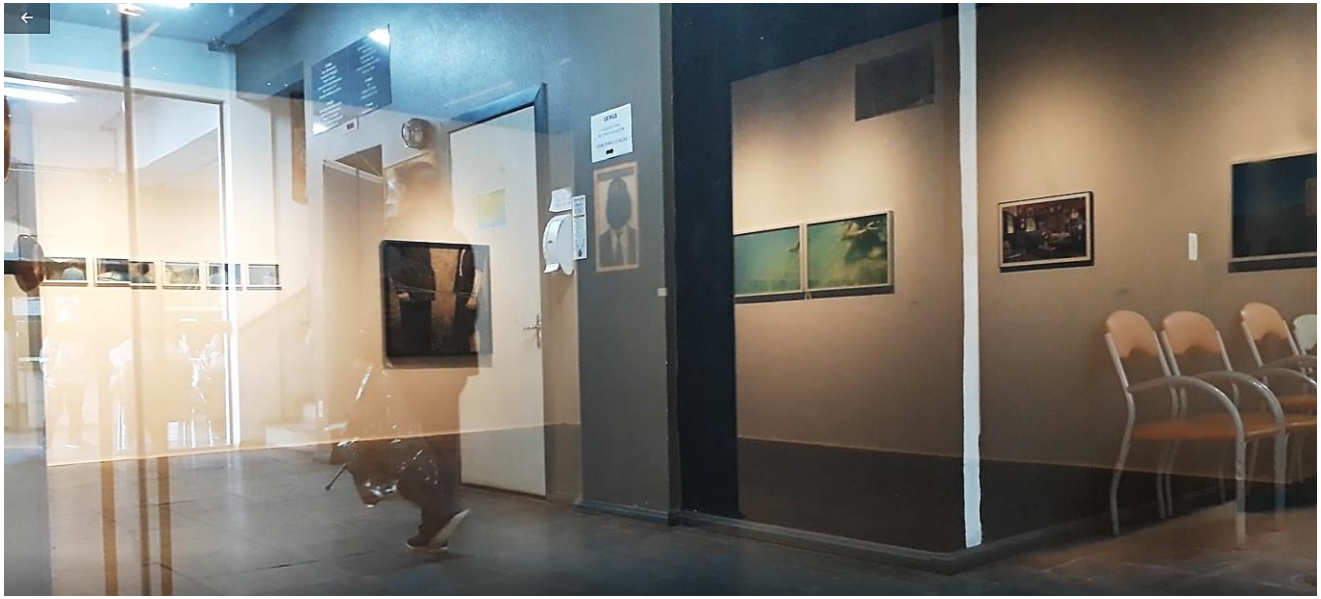
20 de out 20/10/18 12:51

10.08
21h
Sra falando quase sozinha
Pergunta o que é dela da comanda
O meu é uma sopa e dois vinhos
3 pessoas idosas
Uma lê um livro que sana dúvidas sobre muitas questões da vida
Silêncio
Pagar a comanda e saem da minha vista

Às vinte e uma horas do dia dez do mês de agosto do ano de dois mil e dezoito, em uma lancheria estabelecida na cidade de Montenegro - RS reuniram-se três idosos com o objetivo de jantar sopa de *capelleti*. Uma senhora assumiu o protagonismo na conversa e contou sobre um livro que, segundo ela, sana muitas dúvidas sobre a vida. Após contar sobre suas preferências literárias por uns vinte minutos, falando praticamente sozinha e sem quase nenhuma participação dos seus companheiros de janta, a senhora decide encaminhar a saída, falando em alto e bom tom "A minha parte da comanda é uma sopa e dois vinhos´". Muitos minutos de silêncio depois, os três decidem pagar a comanda e saem do recinto. Muito mais havendo a ser tratado, mas sem retorno dos demais, a senhora deu por encerrado o momento descrito nessa ata, que não será assinada por ninguém porque os envolvidos nem sabem da existência do presente documento.

Como eu ficava, em média, 20h por semana sentada naquela mesma cadeira nos dois anos em que estive lá, observei situações que diariamente se repetiam, criando em meu caderno pequenas anotações sobre a condição de observadora:

Figura 13 – Local de observação (Parede de vidro refletindo o interior da galeria de arte)



Fonte: Acervo pessoal (2018)

As funcionárias da limpeza passam por mim, aproximadamente, quarenta vezes por dia. Me cumprimentam de manhã, à tarde e à noite, como se estivéssemos em dias diferentes. O cumprimento chega de diferentes formas, geralmente através de um sorriso ou um breve comentário sobre a previsão do tempo. As pessoas falam muito sobre o tempo. Alguns já não cumprimentam mais na segunda vez, e passam com as cabeças baixas ou desviam o olhar, como se quisessem fugir da responsabilidade de interagir novamente. Eu não acho que ninguém seja obrigado a me cumprimentar, mas acho engraçadas as estratégias utilizadas para tentar evitar isso. As crianças sempre vêm, uma, duas, três, quatro vezes por turno e a mesma criança pode ter dez assuntos diferentes comigo, em cada uma das vezes que ela me vê. Geralmente elas não me cumprimentam, pois já tem intimidade suficiente para chegar me mostrando um joguinho novo ou contando uma novidade do final de semana.

Estive à espera, exposta na vitrine junto com a exposição por muitos meses e isso foi ótimo, mas observar sempre a partir do mesmo lugar, o mesmo ângulo e nos mesmos horários, me fez perceber a monotonia, a previsibilidade e rotina do dia a dia alheio e do meu próprio.

Lembro de criar uma ata no caderno de atas e uma criança parar do meu lado para falar “Credo, que agonia te ver escrevendo assim. Parece uma máquina”. Ela estava certa, o caderno de atas impôs-se a mim e, em menos de duas semanas, eu já estava exausta. Pensar em escrever atas me deixava tensa, carregar aquele caderno se tornou um desconforto, um fardo. Ele era pesado e moldava minha mochila ao seu formato, então o desconforto, além de emocional, também era físico. Abandonei o caderno e continuei escrevendo apenas as notas no celular, sem saber direito o que elas viriam a ser.

Apesar de ter me proposto inicialmente a subverter a burocracia por meio da criação de atas, a forma como lidei com ela acabou sendo um “mais do mesmo”, pois apenas reafirmou seu caráter opressivo, desumanizador e desgastante. Eu estava sumindo na burocracia, assim como ocorre conosco quando somos referenciados nos documentos como “o óbito”, “o contratante”, “o acusado”, “o cliente”, “o empregado”, “a parturiente”, “o litigante de má fé”, “o reclamado”, “o relator”, “a testemunha”, “o réu”, “o condenado”, entre tantos outros nomes. Eu me tornei “a atificadora” e quase desapareci em meio à burocracia.

4 ESGOTAMENTO

O objetivo inicial da pesquisa era escrever atas de situações cotidianas, criando uma burocracia inútil, como já foi dito nos capítulos anteriores. Com o tempo, fiquei presa na burocracia e cansei de adaptar ao modelo de uma ata todas as minhas anotações sobre momentos observados. O ordenamento linear e a utilização de uma linguagem formal tornaram-se um fardo, eu desanimava só de pensar em transformar em ata as notas que eu fazia no aplicativo do telefone celular, pois ao aprisionar os momentos em atas eles perdiam a vida, espontaneidade, simultaneidade, o acaso e toda a tortuosidade dos nossos dias. Apesar de querer ser subversiva —no sentido de rebelar-me contra a ordem vigente —, no final das contas foi a burocracia que quase me subverteu a ela.

Antes da pré-banca, imprimi as pequenas notas que eu estava fazendo em diferentes tamanhos de folha A4, dei-lhes o nome de “Notas de frequentação” e criei um carimbo industrial com a palavra “conferido” para carimbá-las. A ideia era dar uma cara mais burocrática às notas, pois achei que elas não se bastavam por si próprias e que precisavam de algo que remetesse à burocracia para potencializá-las enquanto proposição artística do TCC. Porém, quando eu apresentei as notas na pré-banca, os professores questionaram por que eu havia carimbado com o “conferido”, e eu não tinha nenhuma explicação conceitual, já que realmente só carimbei para tentar trazer à tona algo que remetesse à burocracia.

As *Notas de frequentação* não possuem objetivos, regras, formatações, prescrições ou qualquer coisa que possa restringi-las ou diminuí-las. Dessa forma, o carimbo com a palavra “conferido” acabava delimitando as notas a um tempo e estado de “validação”, pois além de enclausurá-las no passado também dava a impressão de que haviam sido checadas por alguém, uma verificação que poderia colocar em pauta questões sobre autenticação/verdade e não era isso que o trabalho pretendia produzir. Assim, desisti de carimbá-las e decidi manter apenas as notas impressas, pois, após a pré-banca, percebi que elas eram

suficientemente potentes.

Figura 14 e 15 – Notas de frequentação carimbadas com a palavra “conferido”.

Fonte: Acervo pessoal (2018)

Os docentes da pré-banca falaram que as notas remetiam muito ao Perec e me explicaram que o conceito de “esgotamento” que o autor lida no livro *Tentativa de esgotamento de um local parisiense* não é da ordem da exaustão e da fadiga, mas um outro tipo de esgotamento que também aparecia no meu trabalho e que é conceituado por Gilles Deleuze. Essa pesquisa passou por algumas etapas, e a burocratização foi uma delas, mas as *Notas de frequentação* são o esgotamento porque extrapolam a própria burocracia. Nesse sentido, o “esgotamento” não possui uma conotação negativa, pois não se equivale à exaustão, mas sim à ação de explorar todas as possibilidades do possível. Sim, eu cansei da burocracia, mas a esgotei ao elaborar um trabalho artístico que partia da burocracia, sem ser rígido, desumano e frio como ela. No artigo *Beckett com Deleuze: tecituras possíveis do esgotamento*, a autora Fabiana Campos Baptista disserta sobre o “esgotamento”, conceito desenvolvido por Gilles Deleuze a partir de uma leitura das peças televisivas do escritor irlandês Samuel Beckett:

> Distinguindo a fadiga do esgotamento, Deleuze precisa que estar esgotado é estar ativo para nada. A figura do fatigado é apresentada como aquele que esgotou todas as possibilidades de um acontecimento qualquer se realizar. Ele explorou todo o possível e por isso se encontra fatigado dessa execução exaustiva. Para o fatigado, há sempre um objetivo a ser cumprido ao se realizar determinada tarefa (BAPTISTA, 2015, p.114).

Meu trabalho é uma experiência do inútil. Estive ativa para nada, explorando camadas de inutilidade e possibilidades de esgotamento (SILVA, 2016, p. 10) na vida cotidiana. A *atificação* foi o desgaste, a fatiga, pois partia de um protocolo exaustivo que eu só executava para cumprir tarefa e produzir algum trabalho para o TCC. Antes, as notas eram só rascunho, um artifício para chegar a um fim (as atas).

As *Notas de frequentação* sempre foram ordinárias, pois já nasceram na condição de rascunho e sem a pretensão de ser

produto final. Elas acontecem, quando escrevo não me preocupo se você as entenderá 100%, pois as lacunas podem (ou não) serem preenchidas com outros sentidos. As lacunas são um convite à possibilidade de criar novas relações sem se preocupar com a existência de uma verdade única e incontestável idealizada pela artista. As notas podem ser consideradas o esgotamento da burocracia pela ausência de preocupações com linearidade, formatação, gramática e, até mesmo, com a necessidade de utilizar palavras difíceis e bonitas para construir o texto. Por fim, em algumas semanas escrevendo, pensando e vivenciando o TCC, passei de “atificadora” à “esgotada”. Sobre a figura do “esgotado”, Baptista diz que:

> Contrapondo-se à figura do fatigado, Deleuze nota que o esgotado é aquele que renunciou à realização de algo visando um objetivo específico e que renunciou até mesmo à realização de algo segundo suas preferências. A figura do esgotado nos remete àquele que, tendo explorado todas as possibilidades, as esgota de tal forma que o sentido daquela ação se perde completamente. Aliás, a preocupação do esgotado não é com o sentido, mas com a própria exploração de todas as possibilidades do possível. (...) O esgotado é aquele que renunciou a toda ordem de preferência, que renunciou à realização de objetivos, que renunciou à significação das palavras e das coisas. É preciso assim que ele seja bastante desinteressado e bastante escrupuloso (BAPTISTA, 2015, p. 114).

No primeiro capítulo, eu falei que este trabalho lidaria com algumas incertezas e inutilidades e, ao meu ver, o esgotamento é isso, esse estado de renúncia aos objetivos, às utilidades, certezas e à significação das palavras e das coisas. As *Notas de frequentação* são o esgotamento da burocracia, como os esgotamentos da vida cotidiana e/ou da escrita, propostos por Perec, Queneau e Quintane.

5 NOTAS DE FREQUENTAÇÃO

As *Notas de frequentação* resistem à dissolução da materialidade. Escolho lidar com o texto em um mundo que nunca esteve tão inundado de imagens. As *Notas* são excertos de momentos que venho observando desde o mês de agosto de 2018. Não possuem regras ou um formato pré-estabelecido, porque são escritas enquanto o momento acontece. Captam vozes, sons, movimentos, cores e os mais variados tipos de interações cotidianas. Sobre os blocos de anotações, no livro *A escrita – Há futuro para a escrita?*, o filósofo tcheco Vilém Flusser nos diz que:

> Mais interessantes do que os lápis grafite, as esferográficas e as canetas tinteiro, são os papéis para escrever vendidos nas papelarias. Eles se ofertam avulsos, "ilimitados" ou encadernados. Entre os encadernados, considerem-se especialmente aqueles para tomar notas. As palavras "nota", "anotação" e "notório" derivem de "*gnoscere* = saber". Blocos de anotações servem à ciência, e aqueles que neles escrevem são notários. Há blocos de anotações nos quais se imprimem as semanas, os dias e as horas do ano vindouro. A palavra "calendário", por meio da qual esses blocos são denominados, é desorientadora. É que, com o bloco de anotação, nós nos encontramos no meio da consciência histórica (FLUSSER, 2010, p. 190).

Notas são indicações curtas para lembrar alguma coisa, geralmente tem uma função bem marcada, utilitária, pré-definida, como lembrar o dia de uma reunião, prova, consulta médica ou registrar um pensamento para desenvolver melhor depois. Notas são rascunho,

NOTAS DE FREQUENTAÇÃO

10.08
21h
Senhora falando quase sozinha
Pergunta o que é dela da comanda
O meu é uma sopa e dois vinhos
3 pessoas idosas
Uma lê um livro que sana dúvidas sobre muitas questões da vida
Silêncio
Pagam a comanda e saem da minha vista

13.08
10h46
Senhora sozinha em silêncio esperando sua neta sair da aula com um barulho de piano de alguma aula ao fundo
Fecha os olhos de tempos em tempos, cochilando e qualquer ruído a faz abrir os olhos novamente
Olha fixamente para um ponto
De vez em quando olha para cima
Sapato preto com um pequeno salto bate no chão sutilmente, impaciente
Fica de olhos fechados e dorme
Cabeça cai sobre o pescoço
Acorda quando alguém passa e logo volta a cochilar.
O vento frio da porta também a acorda
Dá um sorriso tímido e simpático para quem atravessa seu caminho. Mãos nos bolsos, pés cruzados, coça a orelha
Segura as suas próprias mãos, conversa com alguém rapidamente
Cochila

lembrete e, em geral, são feitas para serem descartadas após concluídas. Minhas *Notas de frequentação* são um bilhete para lembrar. Um ato de afeto e cuidado que se manifesta através do desejo de transformar o que eu vejo em texto. O desejo de guardar para depois. Guardar para depois para sentir de novo, viver de novo, viver de outras formas. Guardar para depois para compartilhar com você, leitor(a), com seus amigos, seus pais, tios, avós, sobrinhos. Guardar para respirar em meio à dureza dos nossos tempos, para aquecer o coração com poesia.

Guardar para depois para poder compartilhar e gerar novas energias, vidas e sentidos para o guardado. Guardar para depois, para inventariar. Guardar para depois, porque quase tudo o que eu guardo, exceto algumas comidas que acabam estragando na geladeira, são guardadas para serem lembradas, porque me afetam de alguma forma.

Notas de frequentação. Frequentação é contato, é convivência, familiaridade e frequência. São *Notas de frequentação* para serem frequentadas de novo e de novo e de novo. Notas para frequentar, notas para visitar. Notas para visitar como o neto que visita a vó no fim de uma tarde de quarta-feira para tomar café preto com aipim frito e conversar sobre a escola. Notas para visitar como um adulto que visita a casa da mãe no final de semana só para lembrar do cheiro daquele carreteiro que só a mãe sabe fazer. Notas para visitar como o gato que visita a janela no meio da tarde em busca de um restinho de sol. Notas para visitar como a visita daquele amigo que está sempre procurando pretexto para conversar tomando um café. Notas para visitar como a visita de um irmão mais novo que faz de tudo para ganhar a sua atenção. Notas para visitar como a sua visita nesse texto.

22.08
15h30
Menino espera elevador e pressiona o guarda-chuva comprido e pontiagudo na sua chuteira azul

---

22.08
14h44
Sumiu a ferramenta dele bem feito quem mandou ele deixar lá
Mulher sentada segurando as mãos diante da barriga
Homem se balançando de um lado para o outro compulsivamente
Enquanto conversam
Gastar três mil e quinhentos de mão de obra
Esses cara n valem nada

26.08
18h30
Deixa eu gastar meu dinheiro deixa eu comprar, o dinheiro é meu
Criança de uns 5 anos no Shopping

27.08
12h
Senhora sentada no sol de pantufas com um gato do lado
Ambos acompanharam com a cabeça minha passagem no mesmo ritmo

Notas para comunizar, para colocar à disposição de todos para uso livre (MASSCHELEIN; SIMONS, 2014, p. 163), para descolar-se do cotidiano. Ao escrever as notas, ocorre um paradoxo, pois ao mesmo tempo que me sinto imersa no momento presente, também me sinto à parte, descolada dele, como se eu não pertencesse àquilo. Como se fosse uma mera espectadora. A sensação é de inércia e passividade em meio aos movimentos de vidas alheias. A vida acontece enquanto estou lá, parada, à espreita. E aí, sem aviso prévio, algo acontece.

Observar é estar e não estar. É uma presença no presente não-invasiva. Ao escrever as *Notas de frequentação*, não invadi o cotidiano das pessoas para retirar material para o meu trabalho artístico, não quero que as pessoas pensem que estão sendo inseridas em um trabalho artístico, não quero ser vista como a artista que está observando coisas especiais que ninguém observa. Não é isso, não é sobre isso que esse trabalho trata. Não tem nada de especial, monumental e iluminado no que faço, pois apenas observo e gero textos a partir de imagens, textos que, por sua vez, podem gerar mais e mais imagens a cada vez que forem lidos novamente.

29.08
11h
Duas crianças de quatro anos conversando
Vamo faze timtim c o peixe
Um dia tu dorme na minha casa que eu dormo na tua
Eu não vo dormi na tua só tu dorme na minha

30.09
12h
Senhor uber dirigindo
Cabelo branco
A merda é que com esse horário de verão eu tenho que acordar às 4h
quando a gente vê
A gente não consegue mais fazer as coisas como antes
Quando a gente vê tá envelhecendo
E tá andando de cadeira de rodas por aí

30.09
14h
Senhor cadeirante passeia no shopping com seu cachorro no colo
Estaciona a cadeira de rodas ao lado de um banco para poder mexer no celular
Cachorro pula do colo para o banco
Deita para descansar

“Lembro perfeitamente de uma senhora de touca e casaquinho de tricô sentada no canto de um banco da parada de ônibus reorganizando len ta men te pequenos sacos plásticos na sua bolsa. Quando transformei em texto as imagens daquela manhã chuvosa e úmida de sexta-feira, passei os dias que seguiram pensando naquelas situações e tentando imaginar o que poderia ter acontecido antes ou depois daquele instante. Quem eram aquelas pessoas? O que será que elas fizeram quando chegaram em casa? Como pode ser a casa delas? Será que possuem casa? Eu me afeiçoei, de alguma forma, a aquelas pessoas. Eu me afetei, elas me afetaram e nem sabem disso. Eu queria poder acompanhá-las por mais tempo, conversar e atravessar nossos cotidianos, mas o que eu falaria? Qual seria o propósito disso? O que faço não é um trabalho social, colaborativo ou participativo e, talvez, esse afeto que não é correspondido e que não sabe que é afeto seja, justamente, a potência do trabalho.”

As *Notas de frequentação* são impressas em folhas transparentes de papel poliéster para que seja possível olhar através delas, contemplando, dessa forma, a sensibilidade e sutileza do trabalho. No dia da defesa do trabalho de conclusão de curso, foram expostas fixadas na parede da galeria de arte como uma constelação. Uma constelação de vozes, gestos, movimentos. Uma constelação de frequentações para serem frequentadas.

Por isso, caro(a) leitor, use as *Notas* como, onde e o quanto quiser e me procure para contar sobre as imagens, memórias e sentidos que elas gerarem (ou não) em você.

30.09
11h
Senhora com touca de tricô organizando saquinhos plásticos cheios de alguma coisa na sua bolsa
Sentada num cantinho do banco da parada de ônibus
Chove muito

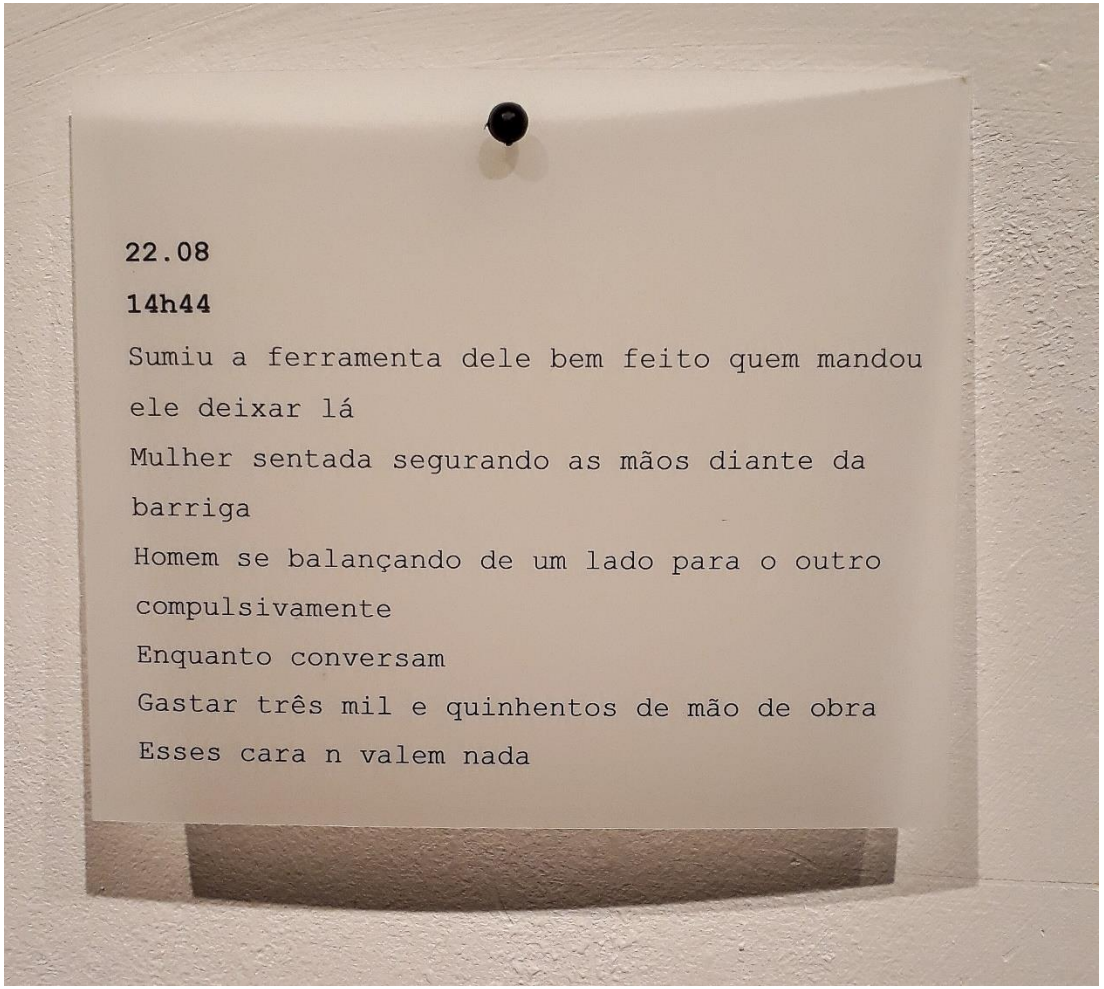
10.09
17h30
Mulher no caixa do mercado posicionando as compras sobre o balcão do caixa rápido lentamente
Quer cpf na nota
Quer cpf na nota
Quer cpf na nota
Desculpa, eu tava viajando

27.09
18h
Criança cantando
A mãe é um bebê
A mãe é um bebê
Mais adiante, outra criança diz: viu só a voz do menino cantando A mãe é o bebê (risos)

Figura 16 – Notas de Frequentação. Impressão sobre papel poliéster, dimensões variadas.

Fonte: Acervo pessoal (2018)

Figura 17 – Notas de Frequentação. Impressão sobre papel poliéster, dimensões variadas.



Fonte: Acervo pessoal (2018)

6 NADA MAIS HAVENDO A SER TRATADO...

Tanto o cotidiano quanto a burocracia podem ser vistos como algo repetitivo, penoso, tedioso e sórdido. Imagine, então, os dois juntos! Operei com dois conceitos que são, por si só, cheios de estigmas negativos, mas os despi desses estigmas para que pudéssemos pensá-los, juntos, de outras formas. Juntamente com os autores, artistas, *sites* e imagens que ajudaram a compor essa pesquisa, espero que possamos desdobrar / estranhar / fender / reinventar / repensar / desacomodar / desacostumar / esgotar não só o cotidiano e a burocracia, mas tantas outras coisas impregnadas e naturalizadas nos nossos dias. Que possamos nos descolar, olhar de novo, olhar de outros ângulos e sob novas perspectivas.

As *Notas de frequentação* são um convite à experiência de colecionar pequenas existências. São um convite ao desafio de deixar-se levar. São um convite a destinar o tempo a algo que não seja funcional ou utilitário. São um convite a registrar de acordo com a afetação dos sentidos, sem ordem, hierarquia ou periodicidade (PEREC, 2016). São um convite a inventariar coisas vistas, apreendidas e estranhadas, explorando os estados perceptivos e cognitivos ordinários (QUINTANE, 2004). São uma proposição para conviver e olhar de forma mais generosa para as os microacontecimentos cotidianos.

Sobretudo nos dias de hoje, com a ascensão do neofascismo em diferentes partes do mundo, ações inúteis como as *Notas de frequentação* são uma forma de (re)existir em tempos brutos. Vivemos a iminência de muitos retrocessos, que irão afetar não só a arte e a educação, mas qualquer instância da vida que não esteja a serviço da geração de capital. Infelizmente, vivemos períodos de individualismo, utilitarismo e autoritarismo. O livro *A utilidade do inútil*, de Nuccio Ordine, foi escrito em 2014, mas traz reflexões muito pertinentes à nossa época:

> Especialmente nos momentos de crise econômica, quando as tentações do utilitarismo e do egoísmo mais sinistro parecem ser a única estrela e a única tábua de salvação, é preciso compreender que exatamente aquelas atividades que não servem para nada podem nos ajudar a escapar da prisão, a salvar-nos da asfixia, a transformar uma vida superficial, uma não vida, numa vida fluida e dinâmica, numa vida orientada pela *curiositas* em relação ao espírito e às coisas humanas (...) Acredito que, em todo caso, é melhor continuar a lutar pensando que os clássicos e a formação, que o cultivo do supérfluo e do que não produz lucro, podem nos ajudar, de qualquer modo, a resistir, a manter acesa a esperança, a vislumbrar aquele raio de luz que nos permita percorrer um caminho digno. Todavia, entre tantas incertezas, uma coisa é certa: se deixarmos o caráter gratuito morrer, se renunciarmos à força geradora do inútil, se escutarmos unicamente esse mortífero canto das sereias que nos impele a perseguir o dinheiro, somente seremos capazes de produzir uma coletividade doente e sem memória que, perdida, acabará perdendo o sentido de si mesma e da vida. E então, quando a desertificação do espírito nos fizer murchar, será realmente difícil imaginar que o insipiente *Homo sapiens* ainda poderá ter um papel para tornar a humanidade mais humana (ORDINE, 2016, p. 19-28).

Com isso, não pretendo encerrar esta escrita com um tom de desesperança. Muito pelo contrário, desejo que ela seja um estímulo ao diálogo e à generosidade. Desejo que, em tempos de intolerância e individualismo, as *Notas de frequentação* possam incentivar a alteridade, a empatia e o cuidado com o outro. E, por fim, como eu suponho que você esteja me acompanhando há mais tempo nessa leitura, não posso deixar de agradecer por ter chegado ao final e espero que este trabalho de conclusão de curso possa reverberar de alguma forma na sua vida.

REFERÊNCIAS

BLANCHOT, Maurice. A fala cotidiana. In: _____. **A conversa infinita 2**: a experiência limite. São Paulo: Escuta, 2007.

BAPTISTA, Fabiana Campos. Beckett com Deleuze: Tecituras possíveis do esgotamento. **Revista em tese**, Belo Horizonte, v. 21, n. 2, maio-ago. 2015.

BERTGES, Lívia Riberto; PEREIRA, Vinicius Carvalho. A (de)/(re)composição autobiográfica do corpo na poética de Começo, de Nathalie Quintane. **Revista Aletria**, Belo Horizonte, v. 28, n. 1, p. 147-161, 2018.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano 1**: Artes de fazer/Michel de Certeau. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 22. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

EU, Daniel Blake. Direção: Ken Loach. Reino Unido, França, Bélgica: Sixteen Films, Why Not Productions e Wild Bunch, 2016.

KAFKA, Franz. **A metamorfose**. Tradução de Torrieri Guimarães; [prólogo Jorge Luis Borges]. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **A pedagogia, a democracia, a escola**. Editora Autêntica, 2014.

ORDINE, Nuccio **A utilidade do inútil**: um manifesto/Nuccio Ordine. Tradução de Luiz Carlos Bombassauro. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

PEREC, Georges. **Tentativa de esgotamento de um local parisiense**. Tradução de Ivo Barroso. Prefácio de Ricardo Luis Silva São Paulo: Gustavo Gili, 2016.

QUENEAU, Raymond. **Exercício de estilo**. Tradução, apresentação e posfácio e Luiz Resende. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

QUINTANE, Nathalie. **Começo** [autobiografia]. Tradução de Paula Glenadel. São Paulo: Cosac & Naify; Rio de Janeiro: Viveiros de Castro Editora, 2004. – (Coleção Ás de colete; v. 7).

SITE JAN BANNING. Disponível em: <http://www.janbanning.com/> Acesso em junho de 2018.

SITE KEITH ARNATT. Disponível em: <http://www.keitharnatt.com/> Acesso em maio de 2018.

SITE MEDIUM. Disponível em: <https://medium.com/@freyacollie/colheita-harvest-rivane-neuenschwander-9590b8d5fc47> Acesso em maio de 2018.

SITE NOSSA POLÍTICA. Disponível em: < https://nossapolitica.net/2017/05/resposta-de-oscar-niemeyer/> Acesso em maio de 2018.

SITE WOLNEY FERNANDES. Disponível em: <http://wolneyfernandes.tumblr.com/> Acesso em maio de 2018.

EDITORA n-1. Fernand Deligny. Documento Eletrônico. Disponível em <https://n-1publications.org/fernand-deligny> Acesso em novembro de 2018.

SITE VERMELHO. Disponível em: <http://www.vermelho.org.br/noticia.php?id_noticia=13442> Acesso em novembro de 2018.